

TRABALHO COMPLETO PARA ABRAPSO/2009

1. Título: O olhar sobre o corpo: a formação dos profissionais de saúde em um centro cirúrgico.

2. Autores: Lúcia Helena Reus (UFRGS), Jaqueline Tittoni (UFRGS), Daiana Mello Cargnin (UFRGS), Lúcia Regina Ruduit Dias (UFRGS), Renata Ghisleni de Oliveira (UFRGS), Paula Marques da Silva (UFRGS)

3. Endereço eletrônico: luciareus@terra.com.br , jaquemin@terra.com.br

Em um hospital geral, o centro cirúrgico é um local fechado. Somente circulam profissionais que lá trabalham e pacientes prestes a se submeterem a um procedimento cirúrgico. A cena da entrada de um paciente ao centro cirúrgico, repetida diariamente, nos dá a dimensão de uma viagem, de uma travessia pelo desconhecido: despedidas emocionadas de familiares com desejos de boa sorte, afagos e carinhos ao paciente. A porta, quase um portal, freqüentemente é metálica e mais larga que as outras proporcionando a passagem de macas e cadeira de rodas. O paciente é recebido e levado ao interior do centro cirúrgico deixando para trás seus familiares que acenam ou choram.

O local é fechado à visitação, fechado à livre circulação e à especulação visual. O que acontece neste local só é revelado aos profissionais que lá trabalham, já que os pacientes vivenciam uma rápida e ficcional passagem em função da anestesia que receberão antes da cirurgia. A anestesia produz um apagamento sensorial e o aparecimento do corpo inerte do paciente, sujeito à manipulação cirúrgica sem a consciência dolorosa. Vários profissionais de saúde trabalham neste evento. Porquê é um local fechado? As explicações são, em um primeiro momento, óbvias e diretas: o local deve ser protegido do risco de contaminações trazidas pelas pessoas de outras unidades do hospital e da rua. A área física

deve ser planejada e estruturada levando em consideração estas questões de inacessibilidade. Mas há outras questões que, com um olhar mais apurado, também são relevantes: a área física não contempla a visibilidade para o exterior e vice-versa. Não é possível um trabalhador desta unidade olhar para a rua, ou um paciente ou familiar ter acesso visual ao trabalho lá realizado. O que há em um centro cirúrgico além dos profissionais? Pessoas doentes, corpos abertos, aberrações anatômicas, tumores, humores, secreções. Olhar o corpo aberto e sendo manipulado envolve outras questões; entramos para o terreno da ciência, do religioso, do místico, do aterrorizante. Mas acessamos também uma diversidade de possibilidades a serem analisadas e podemos trabalhar com questões relativas aos jogos de verdade que envolvem estas visibilidades e a ética do olhar para este corpo vulnerável, a mercê da manipulação cirúrgica.

Por outro lado, quando nos referimos a uma operação cirúrgica, imaginariamente, temos na incisão, a extirpação do mal e a cicatriz que será a prova do acontecimento, marca do local onde se processou o trabalho regenerador no interior do corpo. Na operação cirúrgica, à incisão corresponde a destruição da unidade do corpo, da continuidade da pele como elemento totalizador. O bisturi corta, abre, escancara, revela, expõe a intimidade antes protegida pela pele. Agora, o interior é exteriorizado, o profundo vem à superfície e a identidade é essencialmente perturbada pela quebra da integridade do corpo. O exposto é transformado em material de ensino, em saber. O corpo é objetivado no conhecimento. A aquisição do saber luta com a identificação da perda da integridade do corpo. Esta ação se desenvolve na formação dos profissionais e os acompanha na vida profissional. Como se defender destes elementos identificatórios determinados pela função escópica e refugiar-se na ciência, nos abrigos seguros do saber?

Durante os anos de graduação, alunos dos cursos de medicina e enfermagem estudam e olham livros. Lêem textos técnicos e contemplam figuras. Nos livros de anatomia há desenhos e fotos detalhadas de todas as partes do homem, entidade biológica maior a ser estudada, esmiuçada, desbravada como um mundo desconhecido. Alunos de medicina aprendem técnicas cirúrgicas em livros com figuras ou desenhos seriados, apresentando cada etapa de determinada cirurgia. Os estudantes de enfermagem também se debruçam em livros para o aprendizado de anatomia e técnicas de procedimentos de enfermagem. Hoje, em tempos digitais e virtuais, o acesso a estas figuras foi facilitado bem

como a qualidade visual do que é pesquisado. Há a possibilidade de assistirmos atualizações de técnicas cirúrgicas ou videocirurgias pela Internet.

Chega o grande dia do encontro com o corpo real, onde o olhar do profissional encontra o corpo do paciente. Estágios, residências, espaços privilegiados de acesso ao corpo doente. Lugar de visualização da causa e extirpação dos males.

A sala cirúrgica é o local onde se desenvolve a cena. Tudo funciona como num filme, onde atores desempenham papéis bem definidos. A cada cirurgia uma nova refilmagem, em que os atores podem ser diferentes mas as cenas são repetidas em seus mínimos detalhes. Cada profissional tem um contato diferenciado com o corpo do paciente, o que confere um status nesta relação. O cirurgião, durante a cirurgia e amparado por um saber, trabalha no interior do corpo, manipulando-o e modificando-o. Com isto, faz operar, no corpo e no ambiente, um saber. O anestesiológico interfere na consciência do paciente, retirando seu acesso ao meio e tornando-o vulnerável aos procedimentos cirúrgicos. Os profissionais de enfermagem trabalham manipulando o exterior do corpo, com procedimentos chamados “não invasivos”, também amparados por um saber. Esses saberes determinam poderes que, por sua vez, determinam lugares na instituição, processos de subjetivação que moldam a individualidade moderna(FONSECA, 2003).

Cada profissional, atravessado pelo saber, sustenta uma visibilidade do corpo do paciente a ser trabalhado. Lança também um olhar aos outros profissionais e ao local de trabalho criando seu próprio campo de visibilidades. Assim, o campo do olhar torna-se relativo à perspectiva profissional. Cada profissional olha seu campo de atuação, delineando caminhos, condutas e possibilidades.

A ética dos modos de trabalhar o corpo está em contato com estas visibilidades profissionais e se dá desde a época da formação, delineando um percurso ético de condutas. Os modos de olhar o corpo, vivenciados desde a infância até a idade adulta, juntamente com os conhecimentos adquiridos e as experiências de formação em cursos superiores, conferem a estes profissionais uma ética de trabalhar com o corpo. Assim, o corpo torna-se objetivado pelo conhecimento, determinando vários modos de vê-lo. A ética do olhar delimita regimes de verdade pelos modos de visibilidade e suas linhas de enunciação(MUCHAIL,2002).

A articulação dos saberes sobre o corpo na formação destes profissionais de saúde atua de maneira a delimitar uma ética do trabalho com o corpo. Como se articulam os jogos de saber e poder e os efeitos de verdade na formação dos profissionais desta área?

Sabe-se que a manipulação do corpo, legitimada pela hospitalização através da autorização social, confere ao profissional de saúde um poder pela via do saber e do poder cuidar do corpo. Ficando neste lugar de expectador, o paciente hospitalizado, a mercê da manipulação, reforça este poder incontestável sobre a doença e a vida humana (Kruse).

Portanto, neste estudo, tentarei analisar a produção dos modos de subjetivação atravessados pelos jogos de verdade na formação de residentes e estudantes em um centro cirúrgico de um hospital universitário, na relação com o corpo inerte de um paciente submetido a uma cirurgia. O que se produz neste olhar? Como estes “atores” fazem a experiência de si mesmo em um jogo de verdade? Como isto se reflete na formação dos profissionais de saúde (medicina e enfermagem) neste local de trabalho? Este encontro produz modos de subjetivação dos trabalhadores atravessados por jogos de verdade que dão sustentação às relações de poder e se refletem, certamente, em uma ética no trabalho.

Olhando alguns conceitos

A função do olho como órgão é a visão. O ato de olhar significa dirigir a mente para um ato de intencionalidade, de significação. Este olhar não funciona isolado, está enraizado na corporeidade enquanto sensibilidade. Para Bosi, o marxismo e a psicanálise nos mostram um homem enredado nas malhas de sua classe, da cultura, da família, educação e do seu próprio corpo (BOSI, 1997). Podemos assim fazer algumas considerações: quando olhamos um corpo estamos olhando nosso próprio corpo, mas não propriamente nosso corpo como ele é, e sim como o imaginamos, atravessados por sentimentos que estão guardados na memória pela imagem familiar que temos dele. Para

Nasio, a imagem não se configura somente no domínio da visão. Além de ser convocada por este duplo referente a um “original”, a imagem não existe senão em um objeto investido afetivamente, inscrito na memória consciente ou inconsciente e capturado nas redes da relação com o Outro. A fotografia, constitui-se para este autor, uma modalidade desta imagem especular, tendo o poder mágico de alimentar o amor e o ódio de si. Remete-nos ao estádio do espelho proposto por Lacan com a seguinte proposição: “o outro está em mim e eu estou no outro”. “Esta paranóia constitutiva de nosso *eu*, cristalizada por ocasião de estádio do espelho, é matriz de todo laço humano.”(NASIO,2009).

Assim, podemos depreender que o modo como olhamos o corpo do outro está subjetivado pelo olhar de nosso próprio corpo. Para pensar este olhar sobre o corpo operado, temos que reviver em nós as feridas e cicatrizes que já expuseram o interior de nosso corpo. Esta é a bagagem de cada profissional que chega ao centro cirúrgico e que, na formação, irá se fundir aos conhecimentos adquiridos, constituindo uma identidade profissional.

O que é um corpo? O corpo é objeto de estudo sujeito a várias significações. Sede da vida, organismo capaz de vários movimentos e de trocas com o meio ; conjunto de órgãos em funcionamento recoberto por uma superfície elástica e sensível que delinea uma forma mais ou menos estável a partir da qual um indivíduo se reconhece e se representa para os outros. Mesmo um corpo em mau funcionamento, doente e restrito em seus movimentos, continua sendo um corpo. Um corpo morto é chamado de corpo. Um corpo roubado a seu próprio controle, que não pertence mais a si e transformou-se em objeto de gozo do outro continua sendo corpo(KEHL,2004)

A psicanálise tenta reconstituir o corpo e o sujeito, divisão já radicada na cultura ocidental pela via do dualismo corpo-alma. Como se dá a passagem do puro organismo para o corpo sensível e erotizado? Descobrimos nosso corpo pela dor que, em última instância é sempre psíquica e denuncia a lesão do laço com o outro. Por ela, entramos em contato com o outro e consigo mesmo; é um dos caminhos de se experimentar e se conhecer, sentir a densidade da existência de si mesmo e do outro (FLEIG, 2004). Um olhar sobre o corpo, sobre um corpo, nos remete a um olhar sobre nosso próprio corpo, relação especular em que é lançado aquele que olha. Um corpo que sofre nos interessa, desperta comiseração e fascínio, o que coloca em causa a natureza do nosso prazer. “Estamos, ao

mesmo tempo, identificados com o que sofre, mas a salvo; gozamos do fato de quem sofre é um outro, o que acentua o valor de nosso bem-estar e da integridade de nosso corpo.”(KEHL, 2004).

As concepções sobre o que é um corpo são múltiplas e remetem a sua posição de objeto de uma estratégia, quer seja terapêutica ou ética. O corpo aparece, assim, sob a pluralidade de seus aspectos, dissolvendo-se na poeira das disciplinas que pretendem todas captar suas verdades, indagar das outras ciências do corpo e re-utilizar seus produtos(BOLTANSKI,1989) .

Cuidar do corpo, hoje, é o melhor meio de cuidar de si, fazendo um contraponto ao cuidado de si socrático. O corpo é considerado o lugar privilegiado da subjetividade, onde incidem as técnicas disciplinadoras em uma nova ordem de mercado globalizada. O culto ao corpo e todas as técnicas para torná-lo jovem e produtivo contam com um aparato científico e industrial onde o hipercapitalismo necessita de corpos liberados não só dos princípios morais e religiosos, mas de seu patrimônio genético e dos limites fisiológicos humanos. No lugar de “corpos sem órgãos”, abre-se a possibilidade de fabricar “órgãos sem corpo” (SANT’ANNA, 2002). E esta imagem é a que aparece no campo cirúrgico, nos livros e nas fotografias e filmes produzidos sobre técnicas cirúrgicas. Corpos dessubjetivados, órgãos sem corpos. O apagamento sensorial proporcionado pela anestesia desliza escopicamente aos trabalhadores que operam um apagamento à imagem do corpo do paciente. A imagem agora é dos órgãos. É esta imagem que opera um saber.

Uso as ferramentas conceituais de Foucault para pensar e analisar o sujeito que trabalha nesta interação. Um sujeito atravessado pelo discurso, colocado em relação de produção e significação e em relações de poder. Pensar o poder de acordo com o modelo institucional é fundamental neste processo. Para Foucault, enquanto o sujeito for colocado em relação de produção e significação, é igualmente colocado em relações de poder. A necessidade de definição deste poder está intimamente ligada à necessidade de uma consciência histórica da situação presente e verificação do tipo de realidade com o qual estamos lidando (FOUCAULT,1995).

Na concepção foucaultiana, o sujeito não é produtor de saberes, mas é produzido no interior de saberes. Seguindo esta lógica, trata-se de investigar como se forma o que chamamos de sujeito, este ser livre, autônomo e pensante. Faz-se necessário, nesta

análise, tentar cercá-lo, examinando cada camada que o envolve e o constitui: práticas discursivas, variados saberes, como se produziu historicamente, como se deram as relações de poder neste percurso histórico.

A análise das relações saber-poder permite estabelecer a relação entre os sujeitos e os jogos de verdade e estes, para Foucault, se referem ao conjunto de regras de produção de verdade. Pela palavra “jogo”, podemos compreender um conjunto de procedimentos que conduzem a uma verdade, que pode ser considerada válida ou não, inaugurando um regime de verdades que sustenta e caracteriza uma determinada forma de dominação. Este regime de verdades que define as relações de poder no capitalismo permite explicar e justificar as posições de classe, o lugar dos sujeitos na estrutura social e as possibilidades e restrições à mobilidade social (NARDI,2006).

O corpo é o alvo das modalidades de poder que a genealogia foucaultiana estuda. Ele não obedece apenas às leis de sua fisiologia, mas é marcado por uma infinidade de práticas históricas e sociais que o constroem e o destroem simultaneamente. Em o “Nascimento da Clínica”, Foucault faz uma reflexão acerca do corpo como espaço de sofrimento e da doença, corpo do doente ou do morto, a ser estudado ou dissecado pelo saber médico. Nos seus estudos acerca da história da sexualidade, aponta que o corpo não é apenas o lugar da submissão e poder, mas é o lugar possível de construção da subjetividade, e estes são produzidos pela história(VEIGA-NETO,2007). O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico(FOUCAULT,1989). Mais uma vez aqui, Foucault nos aponta para pensar o lugar da formação e de como se dá a transmissão dos discursos sobre o trabalho dos profissionais da saúde e seu contato com o corpo.

Delineando um caminho: a fotografia

O caminho trilhado neste percurso envolve escolhas e implica abandonar certas idéias em favor de outras, tomando rumos que nos levam a reflexões que acreditamos pertinentes na busca de novas interrogações e novas reflexões. Desenvolver idéias, questioná-las, quebrá-las para depois remontá-las de acordo com novas possibilidades de pensamento tem uma inspiração foucaultiana que se desprende de certas normas tradicionais de pesquisa. Pauta-se por normatizar os pensamentos e as reflexões sob uma nova perspectiva, sem abrir mão do rigor e do método(COSTA, 2007). Neste caminho, tomo como método o recurso da fotografia como potencializador da reflexão e de novas possibilidades nas investigações e análises. Segundo Maurent e Tittoni, a fotografia como estratégia de produção de conhecimento está motivada pelo desejo de buscar outras visibilidades que possam evidenciar jogos de poder e processos de subjetivação(MAURENT e TITTONI, 2007). Com esta finalidade, propõe-se a realização de oficinas de fotografia onde, em um primeiro momento, máquinas fotográficas serão fornecidas aos profissionais, juntamente com um enunciado sobre o trabalho em questão. Em um segundo momento, serão realizadas reuniões que possibilite a construção de narrativas fotográficas visualizando diferentes significados para as experiências vivenciadas no local de formação profissional. A fotografia coloca-se como posição estratégica para potencializar a reflexão sobre a formação profissional, indicando as visibilidades e invisibilidades deste processo.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (org). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COSTA, Marisa Vorraber (org). Caminhos investigativos II. 2ª ed. Rio de Janeiro:Lamparina ed, 2007.

FLEIG, Mario. O mal-estar no corpo. In: KEIL, Ivete; TIBURI, Márcia (orgs). O corpo torturado. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

FONSECA, Marcio A. Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo, EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: Dreyfus H; Rabinow P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. Microfísica do poder. 8ª ed. Rio de Janeiro:Graal, 1989.

KEHL, Maria Rita. Três perguntas sobre o corpo torturado. In: KEIL, Ivete; TIBURI, Márcia (orgs). O corpo torturado. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

MAURENTE, Vanessa; TITTONI, Jaqueline. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia e Sociedade*; 19 (3): 33-38, 2007.

MUCHAIL, Salma Tannus. Olhares e dizeres. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). Imagens de Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: DPeA, 2002.

NARDI, Henrique Caetano. Ética, trabalho e subjetividade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006

NASIO, Juan David. Meu corpo e suas imagens. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de; Transformações do corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). Imagens de Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: DPeA, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault e a educação. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

